

**FACULDADE CATÓLICA DE ANÁPOLIS  
INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO  
ESPECIALIZAÇÃO EM DOCÊNCIA UNIVERSITÁRIA – TURMA VI**

**A IMPORTÂNCIA DA DIVERSIDADE DOS MÉTODOS AVALIATIVOS  
NO ENSINO SUPERIOR**

**LUDMYLLA FERREIRA DE SOUZA RODRIGUES  
MARIANA CARVALHO DE SOUZA**

Anápolis  
2012

**LUDMYLLA FERREIRA DE SOUZA RODRIGUES  
MARIANA CARVALHO DE SOUZA**

**A IMPORTÂNCIA DA DIVERSIDADE DOS MÉTODOS AVALIATIVOS NO ENSINO  
SUPERIOR**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado  
à Coordenação da Faculdade Católica de  
Anápolis para obtenção do título de  
Especialista em Docência Universitária sob  
orientação da professora Joicy Mara Resende  
Rolindo

Anápolis  
2012

## **AGRADECIMENTOS**

Todos os agradecimentos a nossa querida amiga Camila Borges Mesquita, pela contribuição relevante para realização deste trabalho. Por não poupar esforços para nos ajudar. Muito obrigada amiga!

# A IMPORTÂNCIA DA DIVERSIDADE DOS MÉTODOS AVALIATIVOS NO ENSINO SUPERIOR

Ludmylla Ferreira de Souza Rodrigues<sup>1</sup>  
Mariana Carvalho de Souza<sup>2</sup>  
Joicy Mara Rezende Rolindo<sup>3</sup>

**RESUMO:** O presente trabalho vem para abordar e discutir a importância de se diversificar os métodos avaliativos no ensino superior, estes aplicados de forma a avaliar os discentes quanto à aprendizagem ao longo dos anos de estudo. Através de análise crítica de trabalhos publicados em livros e periódicos pode-se questionar, por que utilizar diversos métodos avaliativos no Ensino Superior? Assim, faz-se necessário que o educador conheça-os para aplicá-los à diversidade de habilidades existentes em sala de aula, visando assim à avaliação mais justa, condizente com os conteúdos ministrados. Percebe-se que as formas avaliativas – diagnóstica, formativa e somativa – não se opõem, e sim se complementam, portanto deve haver uma integração harmoniosa entre as modalidades avaliativas, permitindo a chegada a práticas mais aprimoradas de avaliação.

**Palavras-chave:** Avaliação. Ensino. Aprendizagem.

## INTRODUÇÃO

A avaliação, em seu sentido amplo, apresenta-se como atividade associada à experiência cotidiana do ser humano. Esta avaliação, que é feita de forma assistemática, por vezes, inclui uma apreciação sobre a adequação, eficácia e eficiência de ações e experiências, envolvendo sentimentos, sendo verbalizada ou não (SAUL, 2001).

O ato de avaliar está sempre presente e se dá permanentemente. Por isso o dia-a-dia da sala de aula não se separa dessa realidade. Para Kenski (2000) os alunos e professores estão continuamente avaliando a tudo e a todos em diferentes critérios. A avaliação, portanto deve estar vinculada a um projeto educacional mais amplo, contando com a participação de todos (professores, alunos, gestores e pais).

O termo “avaliação” é visto com uma concepção autoritária, um instrumento disciplinador. Muitas vezes está desvinculada com a aprendizagem dos alunos e é praticada somente para aprovar e reprovar. Segundo Luckesi (1995), a avaliação deve ser concebida como ferramenta importante no acompanhamento do aluno e não mais como controle no interior da sala.

O Ensino Superior não está imune aos problemas relacionados com a avaliação. Chaves (2001), afirma que a avaliação muitas vezes assume aspectos conflitantes com o seu papel, pois ao invés de manter o aluno na universidade, torna-se um obstáculo a mais para o seu sucesso. Somente são verificados os acertos obtidos, os erros ou até mesmo o aprendizado são desprezados. Apesar de se tratar de avaliação de adulto para adulto, as avaliações ainda são classificatórias e discriminatórias, sem propensão a mudanças, realizadas como um ritual.

O presente trabalho aborda e discute a importância de diversificar os métodos avaliativos no ensino superior, muitas vezes aplicados apenas para avaliar os acadêmicos quanto a aprendizagem ao longo dos anos de estudo.

Através de análise crítica de trabalhos publicados em livros e periódicos é de suma importância questionar: Porque utilizar diversos métodos de avaliação no Ensino Superior? O velho conceito e as praticas arraigadas de avaliação como constatação do nível de aprendizagem do aluno, precisam ser renovadas. Apresentar uma variedade de métodos permite maior interação professor-aluno e com isso eficiência no aprendizado. A avaliação, portanto precisa estar alicerçada em objetivos claros e simples, que segundo Sant’Anna (1995) conduz inclusive à melhoria do currículo.

Tendo em vista os diversos métodos avaliativos, faz-se necessário que o educador conheça-os para aplicá-los à diversidade de habilidades existentes em sala de aula, visando, assim, uma avaliação mais justa, condizente ao aproveitamento dos conteúdos ministrados.

Objetiva-se com este estudo a análise da aplicabilidade dos diversos métodos avaliativos no Ensino Superior de modo a conhecê-los, identificando a sua aplicação à realidade dos alunos, além de propor mudanças nas formas de avaliação exercidas em sala de aula.

# 1 PRINCIPAIS MÉTODOS AVALIATIVOS E SUAS APLICABILIDADES NO ENSINO SUPERIOR

## 1.1 AVALIAÇÃO DIAGNÓSTICA

A avaliação diagnóstica permite detectar quais são as dificuldades de determinada turma e as suas possíveis causas. O diagnóstico possibilita saber como ocorreu o processo de ensino-aprendizagem e admite estabelecer novos objetivos, para que o aprendizado seja eficiente. Em seu trabalho Luckesi (1995) propõe:

[...] a avaliação não seria tão-somente um instrumento para a aprovação ou reprovação dos alunos, mas sim um instrumento de diagnóstico de sua situação, tendo em vista a definição de encaminhamentos para sua aprendizagem (LUCKESI, 1995, p.81)

Nesse modelo avaliativo a interação professor- aluno pode ser estabelecida, visando o avanço do estágio de aprendizagem em que o docente se encontra. Nesse caso o professor pode acompanhar o crescimento do aluno e não somente esperar que ele desenvolva sozinho.

Outro ponto importante levantado por Cortesão (2002), é que a avaliação diagnóstica não pode ser tomada como um “rótulo” do aluno, mas sim como um conjunto de indicações que caracterizam o nível a partir do qual o professor e o aluno, em conjunto, consigam o progresso de aprendizagem.

Tanto para a educação básica como para a superior, esse tipo de avaliação deve ocorrer no início de cada ciclo de estudos, sendo assim possível identificar em que medida os conhecimentos anteriores ocorreram e se necessário planejamentos para sanar as dificuldades encontradas.

## 1.2 AVALIAÇÃO FORMATIVA

Toda avaliação que auxilia o aluno a aprender a se desenvolver é dada com avaliação formativa. Para Perrenoud (1999) esse modelo avaliativo participa da regulação das aprendizagens e do desenvolvimento no sentido de um projeto educativo.

Romanowski e Wachowicz (2006) afirmam que a conquista do conhecimento é resultado da atividade cognitiva dos alunos e professores que,

individual e coletivamente, elaboram questionamentos, análises e reflexões percebendo assim as múltiplas dimensões do ensino.

Esse método avaliativo proporciona ao professor a reformulação de seu trabalho didático. O docente pode observar com eficiência se os objetivos propostos estão sendo alcançados, e com os resultados desta observação é possível refletir sobre as mudanças que são necessárias ou se a prática utilizada foi proveitosa.

No ensino superior a forma mais adequada de se aplicar a avaliação formativa é através de seminários e debates que levem o aluno a discutir o assunto abordado, para que o professor perceba se o estudante conseguiu acompanhar o andamento do conteúdo. De acordo com Mendes (2005) se avaliação for dada de forma contínua pressupõe-se que o aluno precisa ser acompanhado e ajudado nas suas dificuldades. Logo é necessário utilizar diferentes instrumentos de avaliação, como os já citados.

### 1.3 AVALIAÇÃO SOMATIVA

Esse tipo de avaliação tem por função classificar os alunos ao final da unidade, semestre ou ano letivo (SANT'ANNA, 1995). A avaliação somativa geralmente traduz a distância que o aluno ficou da meta previamente atribuída, possibilitando assim a progressão ou retenção.

Para esse tipo de avaliação o professor não deve considerar somente um aluno, mas todo o grupo, pois, se a maioria apresentou uma dificuldade em determinado conteúdo ele não deve ser levado em consideração na avaliação final.

Oliveira et al. (2007) afirmam que avaliação somativa, por servir para a classificação, ela pode e deve assumir expressão qualitativa e quantitativa. Sendo que sua aplicação no final da disciplina é necessária para o sucesso do processo de ensino-aprendizagem, por contemplar a maioria dos conteúdos ministrados a fim de comprovar os resultados obtidos.

## **2 FORMAÇÃO PEDAGÓGICA DOS PROFESSORES E INFLUÊNCIAS NA ESCOLHA DO MÉTODO AVALIATIVO**

Independente do grau de ensino, atualmente, as discussões sobre as práticas avaliativas tradicionais são deficientes, dessa forma esses modelos ainda estão impregnados e são passados a diante. Hoffmann (2000) afirma que:

O modelo que se instala nos cursos de formação é o que vem a ser seguido pelos professores que exercem o magistério nas escolas e universidades. Muito mais forte que qualquer influencia teórica que o aluno desses cursos possa sofrer, a prática vivida por ele enquanto estudante passa a ser o modelo seguido quando professor (HOFFMANN, 2000, p.138)

Durante a formação, são poucas as disciplinas que servem de base para a área de educação, o que passa a ser um problema durante a atuação como docente. Os estudos sobre avaliação ainda são ineficazes e as práticas avaliativas acabam por se caracterizarem como reprovativas caindo assim em total descrédito.

Segundo Santos e colaboradores (2006), é fundamental que sejam discutidas estratégias de ensino e recursos didáticos também durante a formação de professores, pois estas estratégias tem implicações futuras na atuação profissional destes estudantes. E ainda segundo Godoy (2003) a sala de aula de graduação é pouco utilizada como objeto de estudo, prejudicando a reflexão sobre a qualidade de ensino nesse nível da educação e interferindo, assim, na capacitação dos professores universitários referentes à melhoria da didática no ensino superior.

Torna-se importante então discutir a real necessidade e formas de avaliação no Ensino Superior, para que os estudantes dos cursos de licenciatura tenham oportunidade de mudanças e não reproduzam o que foi praticado durante toda a formação educacional.

Para Lüdke e Salles (1997, p.170)

[...] os professores das diferentes áreas da educação superior, com exceção da área de pedagogia, passam a integrar o corpo docente dessas instituições e outras exigências formais, sem ter recebido nenhuma preparação especial para o trabalho docente, a não ser aquela relativa à sua especificidade [...]. Apenas aqueles que passaram por curso de licenciatura, para se tornarem professores de 1 e 2 graus, receberam alguma preparação específica, ainda que muito discutível, para exercer o magistério. Os demais o exercem, portanto, de maneira inteiramente improvisada, apoiando-se provavelmente nas reminiscências de sua própria história como aluno, nas lições oferecidas pela experiência que vão desenvolvendo ou na de colegas mais vividos.

A partir dessas declarações é perceptível que a falta de discussões sobre as formas de avaliação refletem de forma negativa à formação dos novos docentes. A Falta de conhecimento dos métodos avaliativos e suas importâncias vão sempre se contrapor a real importância de se avaliar.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Muitos profissionais assumem as salas de graduação, sendo que na maioria das vezes não tiveram formação didática específica. Estes docentes não se preocupam com a realidade de cada aluno, e por isso não conseguem diversificar os métodos avaliativos. Por consequência o crescimento do aluno em sala de aula não é acompanhado de maneira adequada.

Desta forma, fica clara a real necessidade de uma dedicação sobre o tema apresentado, visto que uma avaliação aplicada de forma inadequada com estudantes de graduação não apenas lhes prejudica como, também, atinge os futuros educandos que serão formados por esses universitários. Faz-se necessário uma tomada de consciência de toda comunidade acadêmica a respeito de uma prática avaliativa de qualidade nesse nível de ensino, afinal estamos tratando da formação de formadores.

A avaliação deve fazer parte do processo ensino- aprendizagem e não ser caracterizada como prenúncio de castigo. Daí a importância dos diferentes tipos de avaliação – diagnóstica, formativa e somativa – porque a avaliação não pode ser reduzida somente à um método, pois pode alterar a percepção dos professores, quanto à verdadeira aprendizagem dos alunos, ao não utilizar outras variedades de atividades avaliativas.

Propõe-se então que os diferentes métodos avaliativos sejam utilizados para que os problemas na aprendizagem sejam detectados e sejam pensadas soluções para uma formação adequada dos alunos, decorrente da efetivação da aprendizagem. Ao final estes termos devem ser expressos em números para avaliar eficiência da didática de ensino aplicada.

**ABSTRACT:** The present paper addresses and discusses the importance of diversify the evaluation methods in Higher Education, these methods used to assess the students' learning over the years of study. Through critical analysis of studies published in books and periodicals may be questioned, why do we need to use different evaluation methods in Higher Education? Thus it is necessary that the teacher knows different evaluation methods to apply them to the diversity of existing skills in the classroom, which leads to a fairer assessment, consistent with the contents taught.

It is observed that the evaluative forms - diagnostic, formative and summative - don't oppose each other but are complementary, so it must have a harmonious

integration between the evaluative procedures, allowing the arrival of a more refined assessment practices

**Keywords: Evaluation.** Education.Learning.

## REFERENCIAS

CHAVES, S. M. A avaliação da aprendizagem no ensino superior. In: MOROSINI, M. (Org.). **Professor do ensino superior: identidade, docência e formação.** Editora Plano, Brasília, 2001.

CORTESÃO, L. **Formas de ensinar, formas de avaliar: breve análise de praticas correntes da avaliação.** Faculdade de Psicologia e Ciências de Educação da Universidade do Porto. Portugal, 2002.

GODOY, A. S. Ambiente de ensino preferido por alunos do terceiro grau. In: MOREIRA, Daniel Augusto (Org.). **Didática no ensino superior: técnicas e tendências.** São Paulo: Pioneira Zhonson Learning, 2003. p. 115 -127.

HOFFMANN.J.M.L **Avaliação mediadora: uma prática em construção - da pré-escola à universidade.** 17ª ed. Editora Mediação, Porto Alegre, 2000.

KENSKI, V. M. Avaliação da aprendizagem. In: LOPES, A. O. et al. **Repensando a Didática.** 26ª ed. Editora Papirus, p.131, 2000.

LUCKESI, C.C. **Avaliação da Aprendizagem escolar.** São Paulo:1995. Editora Cortez.

LÜDKE , M.; SALLES M. M. Q. Porto. Avaliação da Aprendizagem no Ensino Superior. In: LEITE, Denise B.C.; MOROSINI, Marília (Orgs.) et al. **Universidade Futurante: produção do ensino e inovação.** Campinas: Papirus, 1997. p.169 – 200.

MENDES, O.M. In: VEIGA, I.P.A; NAVES,M.L.P (Orgs.) **Currículo e avaliação na educação superior.** São Paulo: Junqueira & Marin, 2005.p. 175 – 197.

OLIVEIRA, E.S.G.; CUNHA, V.L.; ENCARNAÇÃO, A.P.; SANTOS, L.; OLIVEIRA, R.A.; NUNES, R.S. Uma experiência de avaliação da aprendizagem na educação a distância: o diálogo entre avaliação somativa e formativa. **Revista Eletrônica Iberoamericana sobre educação.** vol 05, n.2, 2007.

PERRENOUD, P. **Avaliação: da excelência à regulação das aprendizagens – entre duas lógicas** Porto Alegre: 1999.. Editora Artmed. p. 103.

SANT'ANNA, I.M. **Por que avaliar? Como avaliar?: critérios e instrumentos.** Petrópolis, RJ. Editora Vozes: 1995.

SANTOS, W.L.P.; GAUCHE, R.; MÓL, G.S.; SILVA, R.R.; BAPTISTA, J.A. Formação de professores: uma proposta de pesquisa a partir da reflexão sobre a prática docente. **Ensaio: Pesquisa em educação em ciências.** vol.8, n.1, julho.2006.

SAUL, A.M. **Avaliação emancipatória: desafios à teoria e à pratica de avaliação e reformulação de currículo.** São Paulo, Editora Cortez. 6ª Ed: 2001.

ROMANOWSKI, J. P.; WACHOWICZ, L. A. Avaliação formativa na educação superior: que resistências manifestam os professores e os alunos? In: ANASTASIOU, Léa das Graças Camargos; ALVES, Leonir Pessate (Orgs). **Processos de ensinagem na universidade**: pressupostos para as estratégias de trabalho em aula. 6. ed. Joinville-SC: UNIVILLE, 2006. pp. 121-139.